

BLADE RUNNER – NOTAS FILOSÓFICAS SOBRE A FICÇÃO CIENTÍFICA*

Bruno Pettersen**

A ficção é o esforço de estabelecer aquilo que é necessário em uma realidade contingente. Explico-me: um texto, filme ou peça ficcional constrói uma realidade paralela à nossa, uma espécie de “mundo possível” que não é exatamente o nosso, mas espera conservar com ele alguma proximidade, maior ou menor.

A função da criação de mundos possíveis é permitir ao artista realçar ou diminuir aspectos da nossa própria realidade. A ficção não precisa ter a intenção de ser uma identificação com o real, ela pode propor realidades possíveis com alguns ou muitos ajustes à nossa própria. Neste esforço para a construção de um mundo possível, a ficção acaba por poder substituir tudo aquilo que em nossa realidade é contingente, ou seja, tudo aquilo que é, mas que poderia não ser. Cada mundo possível ficcional é estabelecido a partir de uma reflexão acerca daquelas características que são cambiantes. No final, permanece apenas aquilo que o artista julga como necessário, como parte da estrutura essencial da realidade e que justamente não pode alterar.

A realidade dos mundos possíveis nos ajuda a perceber aquilo que em nós humanos é contingente, que poderia não ser, e aquilo em nós é necessário, que não poderia ser retirado. A ficção pode ser vista então como um esforço para a criação de mundos possíveis com a intenção de nos fazer ver mais do que os nossos olhos estão acostumados. Habitamo-nos com as contingências e por vezes as pensamos, de modo enganoso, como necessárias. A ficção é um modo de desacostumar os olhos.

Uma ficção histórica, realizada a partir de fatos que realmente aconteceram, sempre poderá construir mundos possíveis alterando todas as pequenas e as grandes contingências, mas no final é de algum modo difícil para que nossos olhos se esqueçam do que já

** Professor de Filosofia da Natureza e História da Filosofia Contemporânea II na FAJE. E-mail: brunopettersen@gmail.com

foi. Mas a virtude do artista que desenvolve uma ficção histórica é justamente a de conseguir reconstruir as contingências ao redor das necessidades.

Uma ficção que se passa em nossa própria época tem algumas desvantagens. Frequentemente o requerimento de verossimilhança é maior. Mas quando o artista consegue se libertar deste requerimento, e constrói o mundo segundo sua própria vontade, ele ainda estará atrelado ao próprio presente. Aqueles autores de mundos possíveis contemporâneos têm a função mais difícil: desacostumar os olhos ainda abertos.

Neste esforço de criação de mundos possíveis, a ficção científica tem uma vantagem sobre as outras modalidades ficcionais: ela tem maior liberdade para alterar as contingências, porque se coloca no tempo futuro. A ficção científica poderia sempre alterar literalmente *todas* as contingências e ainda assim parecer verossímil. O fato é que o futuro nos parece sempre, *todo ele, contingente*. Por isso, a construção de mundos possíveis na ficção científica frequentemente está baseada no que em Inglês é chamado de *high concept*, que seria um mundo possível estabelecido a partir de uma mudança central na estrutura de nossa realidade e que alteraria todo o futuro. Não é o caso que apenas a ficção científica possa fazê-lo, mas ela é geralmente a que pode fazê-lo sem qualquer culpa.

Mas o que a ficção científica dificilmente o faz, se é que o faz, é alterar as estruturas necessárias da realidade, segundo o autor as entende. No final, as contingências proporcionadas pela ficção científica dançam ao redor das necessidades, o que não é muito diferente de qualquer criação de mundos possíveis ficcionais. No entanto, a vantagem da ficção científica é que ela expõe as nervuras necessárias do real com maior ênfase, mesmo para o neófito, para aquele que não está acostumado com este gênero. Isto ocorre devido ao fato de que nós não estamos acostumados com as contingências propostas para o nosso futuro, e por tal razão, tendemos a nos agarrar àquilo que nos parece absolutamente necessário.

Um caso pode ser pensado como exemplar, tanto na história da literatura, quanto na história do cinema: *Blade Runner*. O atual *Cult Movie Blade Runner* teve sua origem no livro de Philip Dick, *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, publicado originalmente em 1968. Foi então, apenas em 1982, que obra de Dick chegou ao cinema pelas mãos do diretor britânico Ridley Scott e dos atores Harrison Ford e Rutger Hauer. Falemos primeiro um pouco sobre a obra de Dick.

Philip Dick é considerado hoje como um dos maiores escritores da história da literatura. Sua virtude era a capacidade de explorar mundos possíveis com alguma alteração importante em nossa esfera contingente. Mas em seus mundos possíveis algo permanecia de necessário: uma preocupação com o ser humano. Toda a ambientação criada por Dick para seus mundos estava sempre revestida pela dificuldade de estabelecer o que era necessário no ser

humano. Um dos seus contos mais famosos o *We Can Remember It for You Wholesale*, tinha como dificuldade estabelecer a singularidade da memória humana. Em seu *Do Androids Dream of Electric Sheep?* a dúvida era saber aquilo que é *especial* na condição humana. Mas o que é necessário em toda a contingência criada por Dick? Uma natureza humana esperançosa, emocional e ciente de sua natureza animal.

O filme *Blade Runner* não foi exatamente baseado no conto de Dick. Ele é muito mais uma criação de um mundo possível a partir das visões de Dick e predominantemente a visão de Ridley Scott. *Blade Runner* pode ser visto como uma espécie de "livro texto" para a ficção científica futura, principalmente para aquelas de natureza distópica. Nesta realidade o mundo é opressor, sem saída, representados no filme pela escuridão, chuva, umidade, sujeira, amplos espaços sem um conforto e refeições feitas em lugares tão populosos que é mesmo difícil mover-se o braço. Mas o que Dick e Scott têm em comum é a preocupação por aquilo que é necessário: a condição humana, principalmente a partir da perseguição do detetive (supostamente) humano *Rick Deckard* feita aos chamados "replicantes" (seres geneticamente semelhante aos humanos) que tinham como líder *Roy Batty*, culminando no enfrentamento de Deckard e Batty na parcela final do filme.

No debate que se ergueu sobre filme ao longo dos anos, muitos apontaram que o detetive "humano" Deckard não era realmente um humano, mas sim um replicante. Realmente a edição do filme de 2007, a *Final Cut*, parece deixar claro que Deckard é mesmo um replicante. No entanto, para mim, a grande questão do filme está na caracterização dos humanos como egoístas, fracos, amargos, brutos e moralmente comprometidos, enquanto os replicantes, principalmente Batty, são caracterizados como interessados na conservação de sua identidade, em suas amizades e paixões. O diálogo¹ mais famoso e mais poético do filme é dito pelo próprio Batty e não por um humano. Mas o que resta de necessário na contingência da distopia de Scott?

Em *Blade Runner*, o que permanece como necessário é a própria *busca pela humanidade*. Não há nenhuma característica em nós humanos que realmente nos distinga: apenas a própria busca é necessária. O mundo possível construído por Scott é especial, porque ao redor de toda a contingência representada apenas a própria busca humana é necessária, todo o resto em nós se esvaiu, como "lágrimas na chuva", diria o replicante Batty.

O que é de mais excitante na ficção é a aventura por tais mundos possíveis, especialmente na ficção científica. *Blade Runner* é um caso icônico que nos ajuda a perceber que o futuro guarda mais

¹ Batty diz assim: "I've seen things you people wouldn't believe. Attack ships on fire off the shoulder of Orion. I watched c-beams glitter in the dark near the Tannhäuser Gate. All those... moments... will be lost in time, like tears... in... rain. Time... to die..."

dúvidas quanto à natureza da necessidade do que parece ao primeiro olhar.

Bibliografia

DICK, Philip K. *Blade Runner: Do androids dream of electric sheep?* New York: Ballantine, 1982.

_____. We Can Remember It for You Wholesale. In: *The Philip K. Dick Reader*. New York: Citadel, 1987.

SCOTT, Ridley. *Blade Runner – DVD, 25th Anniversary Edition, Final Cut*. 2007.